

MULHER NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: DIFICULDADES E SUPERAÇÕES

VITÓRIO, Patrícia de Ataídes¹
VITÓRIO, Priscila de Ataídes²
JOBTRAN, Rosa Natália Maciel³
OLIVEIRA, Angela do Nascimento Paranha de Oliveira⁴

RESUMO

Este artigo apresenta o resultado de uma entrevista feita com quatro mulheres que cursaram a Educação de Jovens e Adultos (EJA), e que visa priorizar o ponto de vista das alunas dessa modalidade, abordando suas principais dificuldades e como fizeram para superá-las, visto que fez-se um entrelaçamento entre as instituições sociais da família, escola e sociedade, e como cada uma influenciou para a conquista de seus objetivos. Foram problematizados a presença ainda forte do patriarcalismo e os papéis sociais de cada gênero dentro de nossa sociedade.

Palavras chave: Mulher. História de vida. Educação de Jovens e Adultos.

ABSTRACT

This article presents the results of an interview with four women who attended the Youth and Adult Education (EJA), and which aims to prioritize the point of view of the students of this modality, addressing their main difficulties and as they did to overcome them, as which became an interweaving between the social institutions of family, school and society, and how each influenced for achieving your goals. They were problematized the still strong presence of patriarchy and the social roles of each gender in our society.

Keywords: Woman. Life's history. Youth and Adult Education.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como finalidade abordar o papel da mulher dentro da sociedade associando a sua vida dentro da família, na sociedade de modo geral e no campo educacional principalmente, tomando por base os relatos de algumas mulheres que passaram pela modalidade da Educação de Jovens e Adultos (EJA), enfatizando os pontos mais determinantes dos relatos das mesmas.

O artigo faz um diálogo dentro de diferentes instituições sociais e para tal, o grupo optou por uma entrevista realizada com algumas mulheres de faixa etária de 35 a 47 anos, como também os relatos já presenciados ao longo do convívio com as mesmas, pontuando algumas falas marcantes e pretensões futuras, sejam elas em quaisquer dimensões, abordadas e analisadas minuciosamente e abaixo relatada. Cada relato tem

¹ Graduanda do curso de Pedagogia da Faculdade Multivix Cariacica. e-mai< patriciaataides_@hotmail.com>

² Graduanda do curso de Pedagogia da Faculdade Multivix Cariacica. E-mail < priel9_@hotmail.com>

³ Graduanda do curso de Pedagogia da Faculdade Multivix Cariacica. E-mail < rosanatalia.jobtran@outlook.com>

⁴ Professora orientadora da Faculdade Multivix Cariacica-ES. Mestre em Educação pela UFES. Email<angela_paranha@hotmail.com>.

suas peculiaridades, embora muito parecidos no contexto geral, foi mantido o ponto de vista e recordação de cada entrevistada, tal como mencionado não somente durante a entrevista, como também em conversas anteriormente ao início da mesma.

Os principais pontos abordados foram as dificuldades encontradas para a permanência escolar das entrevistadas, e, também as superações alcançadas pelas mesmas ao longo de suas vidas, enfatizando a influência dos estudos e da escola (com todos os profissionais) em tais decisões e pretensões futuras, ressaltando a importância da família no processo de educação, mesmo que tardia.

2 METODOLOGIA

Trabalho de campo através de história de vida, onde será relatada a história da vida de cada uma, esse tipo de trabalho se assemelha a uma biografia, sempre relatada por suas integrantes. Os sujeitos dessa pesquisa são: Mulheres, de faixa etária entre 35 e 47 anos, mães e trabalhadoras.

Abordagem e coleta de dados através de entrevistas, com mulheres que passaram pela Educação de jovens e adultos. As entrevistas possibilitam a coleta de maiores informações e dados mais completos do que se são abordados, seja por perguntas diretas ou indiretas, dando margem para o entrevistado dissertar mais a respeito do que lhe é questionado com espontaneidade nas respostas, tal como acréscimo de informações que vão surgindo ao longo das respostas. Foram escolhidas a princípio quatro mulheres de faixa etária de 35 a 55 anos, que tem seus nomes fictícios para preservar suas identidades. A partir dessas informações, debater sobre o ponto de vista e experiências de vida, obtidas não somente na instituição de ensino, como em todas as instituições sejam elas formais ou não. Ressaltamos que os nomes são fictícios, visando preservar as identidades das entrevistadas.

Busca-se também compreender melhor as questões relacionadas a educação, sociedade e economia com a participação direta da mulher e como estes fatos interferem na vida escolar das mesmas.

OBJETIVO GERAL

Compreender a inserção da mulher na Educação de Jovens e adultos.

OBJETIVOS ESPECIFICOS

- Entender algumas especificidades das mulheres dentro da EJA;
- Reconhecer a importância da mulher dentro da escola.

MULHER NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: DIFICULDADES E SUPERAÇÕES.

A história da Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Brasil vem sendo um processo longo que tem ganhado espaço aos poucos, mesmo se tratando de uma modalidade que desejamos que seja extinguida de nossa sociedade é claro para tal, seu objetivo deva ser alcançado antes, embora esse processo seja longo, é importante lembrar que a sociedade exige isso do cidadão, principalmente falando ao sentido econômico, pois cada dia que possa ficar mais exigente.

Por assim dizer a história da EJA no Brasil é relativamente novo, principalmente no que diz respeito ao ponto de vista histórico. Partindo do princípio histórico abordaremos sua história a partir do Brasil Colônia, onde a educação era utilizada no sentido de colonizar e aculturar através da catequização feita pelos colonizadores, essa educação era feita através de abordagem conhecida como missões e seus professores eram os jesuítas Padres que catequizavam os habitantes das colônias a fim de ensiná-los suas normas e religião), conforme PARECER CEB 11/2000.

Nesta ordem de raciocínio, a Educação de Jovens e Adultos (EJA) representa uma dívida social não reparada para com os que não tiveram acesso a e nem domínio da escrita e leitura como bens sociais, na escola ou fora dela, e tenham sido a força de trabalho empregada na constituição de riquezas e na elevação de obras públicas. Ser privado deste acesso é, de fato, a perda de um instrumento imprescindível para uma presença significativa na convivência social contemporânea.

Quando os jesuítas foram “expulsos” do Brasil, as aulas régias ganharam espaço, no entanto, os professores eram profissionais de outras áreas que se propunham a ensinar em lugares não convencionais.

No Brasil império com a primeira constituição brasileira que foi mencionada o direito a Educação para todos os cidadãos de forma gratuita, no entanto vale ressaltar que nem os negros nem as mulheres poderiam participar dessa educação. E nem eram valorizados os conhecimentos que os sujeitos foram adquirindo, de acordo com o PARECER CEB 11/2000

Esta observação faz lembrar que a ausência da escolarização não pode e nem deve justificar uma visão preconceituosa do analfabeto ou iletrado como inculto ou "vocacionado" apenas para tarefas e funções "desqualificadas" nos segmentos de mercado. Muitos destes jovens e adultos dentro da pluralidade e diversidade de regiões do país, dentro dos mais diferentes estratos sociais, desenvolveram uma rica cultura baseada na oralidade da qual nos dão prova, entre muitos outros, a literatura de cordel, o teatro popular, o cancionário regional, os repentistas, as festas populares, as festas religiosas e os registros de memória das culturas afro-brasileira e indígena.

A partir da revolução industrial na década de 30, iniciaram vários movimentos em prol da Educação, nessa época pensava-se na preparação de profissionais para o mercado de trabalho e para poderem voltar (não podemos dizer que muda hoje, pois um dos objetivos da educação continua o mesmo).

Com os diversos movimentos voltados para educação por volta da década de 40 o Brasil passou por um período de redemocratização, no entanto, a ideia principal era de que para recuperar o capitalismo era necessário expandir a educação (educação voltada para mão de obra).

Em 1947 foi criado o serviço de educação de adultos (SEA) e algumas outras campanhas voltadas para a educação, como exemplo a campanha nacional de erradicação no analfabetismo (1958).

Muito embora a educação tinha por finalidade a formação de mão de obra, essas

campanhas contribuíram para repensar os métodos da educação de adultos.

Por volta da década de 70 os pensadores da área da educação pensaram um congresso nacional de adultos no Estado do Rio de Janeiro, a partir daí, destaca-se Paulo Freire, que é pioneiro no que se diz respeito a EJA no Brasil.

Paulo Freire defendia várias teorias relacionadas á modalidade da EJA, dentre a qual á valorização do conhecimento prévio do aluno.

Ensino supletivo tinha por características principais a reposição da escolarização, formação de mão-de-obra e atualização do conhecimento, desse modo sua finalidade era suprir as necessidades de conhecimento para que fosse complementado com o que a pessoa já havia aprendido.

A partir daí surge a EJA que aparece como objetivos principais ao desenvolvimento da autonomia e o senso de responsabilidade das pessoas e comunidade, promover a tolerância e participação crítica dos cidadãos nas questões da comunidade. Para isso foram enfatizados alguns aspectos da função da EJA, que é reparadora, qualificadora e equalizadora conforme parecer CEB 01/ 2000.

Concomitantemente abordaremos a história da mulher brasileira.

A educação é algo extremamente importante na sociedade atual, pois com a globalização vivemos em um mundo letrado onde a informação se propaga de forma muito rápida. No entanto a histórias dos integrantes da educação de jovens e adultos (EJA), tem início num passado não tão envolvido com as letras como atualmente.

A maioria das pessoas que compõem essa modalidade de ensino são mulheres, casadas, com filhos, e de classe média baixa, e que após um tempo nessa realidade acabam tendo que se adequar a sociedade, sociedade essa que é predominantemente patriarcal e que pré estabeleceu um papel especial a ser desempenhado por ela.

Quando crianças os motivos que as levaram a evadirem da escola foram totalmente relacionados a questões sociais até por que, essas mulheres eram oriundas do interior ou zona rural

Bom a escola era bem longe de onde eu morava, a gente como ia eu e meus primos a gente ia conversando, brincando, correndo, coisa de criança, aquilo tudo pra mim era diversão, e eu ficava feliz porque eu queria ir pra escola , eu me empolgava, e a escola era simples porem era acolhedora,é os professores carinhosos, é mesmo sendo simples havia carteiras, é cadeiras , tudo certinho para sentar, e a gente foi muito bem recebido, e eu gostava muito do da da minha professora na época era professora, gostava muito, e ficava muito feliz todos os dias cada dia mais eu eu estava mais feliz de poder tá aprendendo, quando eu conseguia fazer uma letra eu fica muito alegre muito feliz, uma letra um numero, pra mim aquilo era muito bom, gostava muito(Maria, 47 anos).⁵

Algumas dessas mulheres sentiram-se exclusas tanto da escola quanto da sociedade e

⁵ Os relatos dos sujeitos participantes da pesquisa foram registrados respeitando a linguagem utilizada pelo participante.

desse modo, voltaram seus esforços para suas famílias, deixando os estudos para contribuírem no orçamento familiar, que era muito debilitada de acordo, com o relato

Ai Olha o que levou eu sair vou a falta de... de dinheiro, porque minha mãe era viúva com 5 filhos pequenos e a gente passava muita necessidade, então eu tive que trabalhar eu fiquei desanimada de trabalhar e estudar, que eu fui ser baba e trabalhar na casa de família pra poder ajudar a sustentar, a me sustentar também e a sustentar minha família. E pra retomar eu tive vontade de retomar, é tanto que eu voltei as aulas de novo, mas pelos mesmos motivos eu tive que parar.(Sônia, 43 anos)

E conforme ressaltado por Ribas (2014)

[...]A vida dessas mulheres é marcada pela evasão escolar, não acesso às instituições de ensino e interrupção da escolaridade. Seus relatos mostram que fatores diversos dificultaram a experiência escolar na idade esperada para o ingresso educacional.

Muito embora esses relatos não sejam novidades e muito menos estejam ultrapassados, parece que está longe de por fim a essa realidade, até porque, as pessoas têm suas prioridades e necessidades básicas, e que, apesar de previstas na Constituição Brasileira, permanece abstrata para algumas pessoas, como relatado por Soares, Gomes e Lino (2005, p. 286)

O reconhecimento do “Direito à Educação” se concretiza no direito a prender por toda a vida, o que implica que parcelas expressivas da população mais adulta tenham acesso a um processo de formação que lhes considere como sujeitos; parcelas essa que ainda são limitadas por projetos e programas de EJA, geralmente, pela lógica do mercado, ou de gerenciamento com visão de educação apenas como gasto. No que diz respeito à escolarização, é possível reconhecer algumas conquistas no campo do direito. Entretanto, quando tratamos de uma concepção mais ampla de educação, estamos apenas engatinhando.

O que ocorre é que essas mulheres muita das vezes são privadas de seus direitos básicos. Entretanto o que deve ser levado em conta, mediante a essas trajetórias de vida é que a bagagem cultural e de vida que se adquire é enorme, e deve ser valorizado. O retorno a escola, é a esperança de mudar a situação que viverá até então, juntamente aliado a certeza de que a educação é a maneira mais eficaz de se conseguir alcançar tais objetivos, mesmo tendo ciência da complexidade e dificuldades do acesso a escola em idade tardia, conforme declaração

Bom, quando eu retornei a escola, aí eu já enfrentei algumas dificuldades, porque eu já tinha filhos, trabalhava fora, e trabalhava o dia todo e depois do trabalho eu tinha que ir a noite pra escola né e aí era uma era resumido a gente perdia aí as vezes eu chegava é já tinha perdido a primeira aula porque meu trabalho era longe da escola então alguma dificuldades para retornar, mas com muito esforço eu conclui o ensino médio. Se eu tivesse a oportunidade eu faria uma faculdade.(Maria, 47 anos)

Bom meu plano pro futuro é poder futuramente ter um comércio para mim mesma trabalhar ser dona do meu próprio negócio e dessa forma eu acho que a escola contribuiu porque aprendi varias coisas principalmente na matemática trabalho com a matemática pois trabalho

com vendas e eu acho que contribuiu nesse ponto na aprendizagem mesmo melhorou muito minha visão de ver as coisas de ver o mundo de forma diferente nesse ponto eu acho que melhorou muito minha visão. (Sirlene, 37 anos)

E enfatizado por Barcelos (2010, p.56)

[...] Ao contar sobre a sua história cada pessoa conta um pouco da sua vida e, assim, faz uma apresentação de sua leitura de mundo. Uma leitura que pode até não “caber” em nossas “matrizes” ou diretrizes curriculares, no entanto, isto não justifica que a deixemos de lado.

Os sonhos de continuar estudando mesmo com todas as privações, tendo por base uma melhoria econômica e social, nos remete a questionar que essas mulheres não pretendem retornar do lugar (situação) em que viveram durante tanto tempo, juntamente com a possibilidade e realidade que a mudança se faz necessário, e que a educação é um caminho alcançável. Como pode ser observado nas falas de Glaucia (45 anos) “*Os planos no futuro é apoiar meus filhos mesmo e os meus netos*”

Meus planos pro futuro é abrir meu próprio negócio e a escola contribuiu porque hoje eu sei fazer algumas coisinhas né que eu não sabia antes, é... ter noção de venda né de tudo né, ter noção de matemática, essas coisas assim né que a gente aprende na escola e também a comunicação né eu era muito tímida né e a escola me ensinou a ter, ser mais comunicativa, inclusive eu trabalhei também em comércio me ensinou muito isso eeee meu plano pro futuro é esse, ter meu próprio negócio e crescer na vida.(Sônia, 43 anos)

E ressaltado na fala de Soares, Giovanette e Gomes (2005, P. 29) “[...] Desde que a EJA é EJA esses jovens e adultos são os mesmos pobres, desempregados, na economia informal, negros, nos limites da sobrevivência [...]”

E o que essas mulheres vêm fazendo é brilhante, pois se formos analisar desde a primeira evasão escolar, os familiares principalmente se tratando da figura masculina, é de que dependendo do horário, a escola não é lugar de mulher e levando em conta que a pessoa já domina, a codificação e decodificação de códigos(escrita e leitura), a escola torna-se absoluta, pois já alcançou seu objetivo que é de alfabetizar.

Bom quando eu abandonei a escola foi quando meu pai faleceu e eu tinha 13 anos na época e eu estava cursando a sétima série e minha mãe estava grávida do meu irmão que é caçula e ficou grávida assim quando meu pai faleceu ela estava grávida de cinco meses, e nos éramos em quatro, cinco com essa gravidez, então a gente precisou mudar do bairro onde a gente morava porque minha mãe ficou com medo de ficar só com a gente em casa, ai eu tive que sair da escola porque eu mudei pra outro bairro onde a gente foi morar com os meus tios aqueles que a gente já morávamos, moramos na fazenda, agora já morávamos na cidade só que em bairros diferentes, i ao chegar La a gente eu tentei voltar pra escola, porém, é so havia ginásio, na época se dizia ginásio, só noturno e o meu tio não permitiu que eu estudasse a noite aí ele falou com a minha mãe que não iria permitir porque era perigoso, e que ele não iria permitir e eu assim fiquei sem estudar, não pude, procurei, fiz de tudo, pedi, insisti, mas não consegui, porque ele não deixou.(Maria, 47 anos)

Ainda sim quando perguntado sobre o primeiro contato com a educação, aquelas mulheres (na época ainda criança) relatam que muito embora o acesso a educação fosse muito difícil e escasso a estrutura da escola precária bem como os profissionais da área sem a devida formação, as falas comovem, pois mostra a euforia em descrever os estudos embora as estruturas escolares não fossem tão adequadas.

Bom a estrutura da escola era precária né, porque naquela época as escola era precária as cadeirinhas eram bem simplesinha era tudo situação bem precária mesmo e questão das regras ou obedecia ou ia pro castigo ou ficava sem recreio ou ficava sem merenda tinha a história do quarto que ficava de joelho no milho mais isso nunca aconteceu comigo nunca vi acontecer com ninguém era mais assim para amedrontar mesmo os alunos tinham que obedecer “.(Sirlene, 37 anos)

Ó, a primeira escolinha que tinha esse véi de mais de cem anos, mais a esposa dele que dava aula pra gente a estrutura era péssima, era um barraquim caindo aos pedaços e quando a gente fazia qualquer bagunça eles botavam a gente de joelho em cima dun.. Duns caroços de milho e dava palmatória na mão da gente quando a gente não aprendia, sentava a palmatória na mão da gente, e a estrutura dessa primeira escola era péssima da outra escola que eu estudei cruzeiro do sul e do poli valente era melhorzinho, mas nada muito bom não.(Sônia, 43 anos)

Bom meu contato com a escola foi aos seis anos, a gente morava numa fazenda, Capivari o nome da fazenda, no espírito santo, é... morava a minha família né, eu meu pai, minha mãe e minha Irma, e, meus tios que tinha quatro crianças que estavam nu... na idade escolar que naquela época era a partir dos sete anos, como eu não poderia me matricular, é eu pedi minha mãe pra eu ir também pra escola por que eu queria estudar, acompanhar meus primos pois a gente acompanhava nas brincadeiras, brincavam juntos, ai eu queria sair com eles, queria... tive aquela curiosidade de aprender a escrever também, a ler ,escrever, ai comecei a ir pra escola com eles e meus pais pediram os professores pra deixar eu ficar Lá e eles aceitaram e eu gostei e continuei, ia todos os dias pra escola, e.. comecei a fazer as primeiras letras onde eu tive dificuldade em fazer aprender a fazer a letra “E” e o numero” 2” que eu sempre fazia ao contrario, mas os professores tiveram paciência comigo, me ensinaram, pegavam na minha mão, me ajudava e com bastante insistência consegui acertar, demorou um pouquinho mais consegui...(Maria, 47 anos).

Quando tratado do retorno à educação (escola), é gritante os relatos de dificuldades das mulheres entrevistadas, muitas vezes, essas dificuldades contribuem para uma nova evasão escolar (evasão da EJA), sabendo que mesmo que de maneira diferente os motivos pelo qual abandonam a escola novamente continuam sendo os mesmos, ressaltando a presença do patriarcalismo, conforme fala abaixo

Foi muito bom porque eu tava com tanta vontade de voltar, voltei, inclusive eu fiz é... as séries que eu tinha parado, eu tinha parado na quinta, no quinto ano, aí eu fiz aquele é... que hoje fala EJA mas é supletivo, eu fiz ate completar o oitavo, aí do oitavo anos eu conheci meu marido que hoje é meu marido e comecei matar aula pra poder namorar com ele e acabei saindo da escola de novo.(Sônia, 43 anos)

A evasão escolar de fato é uma problemática e deve ser pensada maneiras de ser evitada, pois é complicado para o educando que após anos fora da escola retorna a esse ambiente escolar, e depara com novas situações e tendo que superar outros obstáculos, conforme enfatizado por Soares, Giovanette e Gomes (2005, P. 24)

[...] superar a dificuldade de reconhecer que, além de alunos ou jovens evadidos ou excluídos da escola, antes que portadores de trajetórias escolares truncadas, eles e elas carregam trajetórias perversas de exclusão social, vivenciam trajetórias de negação dos direitos mais básicos a vida, ao afeto, alimentação, à moradia, ao trabalho e a sobrevivência.

O retorno acontece sempre após a família dessas mulheres está constituída e praticamente criada, no caso de Maria ela ingressou no mercado de trabalho apenas quando seu filho caçula estava com um ano e três meses, e a partir daí então, ela percebeu a necessidade de retorna com os estudos, isto por que o mercado de trabalho atualmente está muito exigente. Mesmo sabendo que encontraria dificuldades, a necessidade juntamente com o desejo de melhorar de vida, falaram mais alto quanto à decisão de retorna aos estudos.

Bom quando eu retornei pra escola eu já tinha filhos ai fiz a eja, comecei da sétima né, tinha parado na sétima ai conclui o ensino fundamental ai ingressei no ensino médio, e consegui fazer o ensino médio conclui o ensino médio com bastante dificuldade porque tinha filhos pequenos trabalhava fora, mas consegui, o estudo contribuiu bastante pra eu melhorar, mudar de cargo, e também eu sei que posso, agora que já conclui o ensino médio eu posso ingressar numa faculdade e fazer uma faculdade e melhorar no futuro. (Maria, 47 anos)

E ressaltado por Soares, Giovanette e Gomes (2005, p. 41)

[...] Ao voltar às aulas, á noite, após o trabalho, não terão recepções como quando crianças. Nem músicas, cantos, rodas, festinhas, histórias, fantasias... O mundo encantado da infância que a escola tão bem reproduz deverá ficar distante [...]

O que se constata é que boa parte dos professores de EJA tendem a ver o jovem aluno a partir de um conjunto de modelos e estereótipos socialmente construídos e, com esse olhar, correm o risco de analisálos de forma negativa, o que os impede de conhecer o jovem real que ali frequenta.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a promulgação da Constituição Federal de 1988 o povo brasileiro conquista legalmente o direito a uma educação pública. Contudo, historicamente este direito foi sendo negado à grande parte da população inseridos em uma sociedade patriarcal. Este estudo traz a partir de relatos de história de vida a exclusão da mulher na sociedade, por uma participação mais ativa na sociedade de modo geral dessas mulheres que são vedadas na grande maioria das vezes por uma cultura patriarcal e incoerente perpessada de geração em geração, e que por mais que a modernidade se faça presente, insiste em permanecer na sociedade.

Embora as mulheres estejam mais atentas e buscando validar seus direitos, é muito comum elas sofrerem com ideologias de um sistema patriarcalista, maquiado dentro de concepções que estereotipam o papel social da mulher e logo, pré-estabelece o seu devido lugar, sendo a mesma criticada dentro da sociedade, e muitas vezes dentro de seu porto seguro (a família), visto que os familiares são os que carregam arraigados consigo a maioria dos estereótipos (contidos principalmente dentro das famílias de classe média baixa, onde o pai é provedor e a mãe a dona de casa).

A educação vem mudando esse fato, pois juntamente com ela traz o conhecimento, que faz com que as informações tenham sentido, com isso, diversas mulheres têm quebrado tabus e buscado se escolarizar, em sua maioria visando uma melhor condição de vida para elas e seus filhos, e, desmistificando um estereótipo que se faz presente desde o período de colonização.

REFERÊNCIA

- BARCELOS, Valdo. **Educação de Jovens e Adultos: Currículo e práticas pedagógicas**. e.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. Parecer ceb 11/2000. Diretrizes curriculares nacionais para a educação de jovens e adultos. Brasília: MEC, 2000.
- BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Resolução Nº. 1/2000, de 3 de julho de 2000, que estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação de Jovens e Adultos.
- RIBAS, Maria Guiomar. **Mulheres da educação de jovens e adultos em busca da formação perdida: Um olhar da educação musical**. João Pessoa: scielo, 2014. Disponível em <scielo.php?script=sci_arttext&pid=s0104406020140003000008&Lang=PT>
- SOARES, Leôncio; GIOVANETTE, Maria Amélia Gomes de Castro; GOMES, Nilma Lino. **Diálogos na educação de Jovens e adultos**. 1.ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2005.